Dialectologia. Special issue, 13 (2024), 71-102.
ISSN: 2013-2247

Received February 2024

Accepted 29 May 2024

Published November 2024

DOI: 10.1344/DIALECTOLOGIA2024.2024B.5

DE VOLTA ÀS ÁREAS LEXICAIS PORTUGUESAS: ANÁLISE DIALETOMÉTRICA DO *ATLAS LINGUARUM EUROPAE*[1]

Fernando BRISSOS [*]

Faculdade de Letras, Centro de Linguística, Universidade de Lisboa

fernando.brissos@gmail.com

ORCID: 0000-0002-2525-1987

Resumo

A estruturação territorial das áreas lexicais de Portugal continental é ainda muito insuficientemente conhecida, devido, principalmente, à natural dificuldade de sistematizar um domínio tão complexo da língua como o vocabulário e os conceitos respetivos. O presente trabalho procura contribuir nesse sentido, por meio da análise dialetométrica dos materiais portugueses do *Atlas Linguarum Europae* (ainda inéditos na sua quase totalidade). Os resultados mostram um paralelo notório com a distribuição das principais áreas fonológicas no país, contrariando a assunção tradicional de que fonologia e léxico têm, no caso português, padrões geolinguísticos essencialmente distintos. Tanto um domínio gramatical como o outro se organizam geograficamente a partir da oposição entre Norte e Centro interiores, por um lado, e o resto do país, por outro.

Palavras-chave: lexicologia, dialetologia, dialetometria, *Atlas Linguarum Europae*, dialetologia portuguesa

[1] Este trabalho foi desenvolvido no âmbito das atividades do projeto UIDB/00214/2020 da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Governo de Portugal) e do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

[*] Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Departamento de Linguística Geral e Românica) Alameda da Universidade. C.P.: 1600-214. Lisboa, Portugal.

© Author(s)

TORNANT A LES ÀREES LÈXIQUES PORTUGUESES:
ANÀLISI DIALECTOMÈTRICA DE L'*ATLAS LINGUARUM EUROPAE*

Resum

El nostre coneixement de l'estructura territorial de les zones lèxiques continentals portugueses continua sent molt limitat. Això és degut, essencialment, a la dificultat natural de sistematitzar un domini tan complex com el vocabulari i el seu ecosistema conceptual. El present estudi té com a objectiu contribuir a aquest coneixement mitjançant una anàlisi dialectomètrica de les dades portugueses —encara en gran part inèdites—de l'*Atlas Linguarum Europae*. Els resultats mostren un clar paral·lelisme amb la distribució de les principals àrees fonològiques del país, contràriament a la suposició tradicional que la fonologia i el lèxic tenen, en el cas portuguès, patrons geolingüístics essencialment diferents. Tots dos dominis gramaticals s'organitzen geogràficament basant-se en l'oposició entre l'interior nord i el centre, d'una banda, i la resta del país, de l'altra.

Paraules clau: lexicologia, dialectologia, dialectometria, *Atlas Linguarum Europae*, dialectologia portuguesa

BACK TO PORTUGUESE LEXICAL AREAS:
DIALECTOMETRIC ANALYSIS OF THE *ATLAS LINGUARUM EUROPAE*

Abstract

Our knowledge of the territorial structure of continental Portuguese lexical areas is still very limited. This is due, essentially, to the natural difficulty in systematizing as complex of a language domain as vocabulary and its concept ecosystem. The present study aims at contributing to this knowledge by means of a dialectometrical analysis of the Portuguese data — still largely unpublished — from the *Atlas Linguarum Europae*. Results show a clear parallel with the distribution of the main phonological areas in the country, contrary to the traditional assumption that phonology and lexicon have, in the Portuguese case, essentially distinct geolinguistic patterns. Both grammatical domains are geographically organized based on the opposition between the Interior North and Center, on one hand, and the rest of the country, on the other.

Keywords: lexicology, dialectology, dialectometry, *Atlas Linguarum Europae*, Portuguese dialectology

1. Problema de investigação e estudos prévios

Os estudos de conjunto sobre os dialetos portugueses têm incidido dominantemente na fonética/fonologia: tome-se como melhor exemplo Cintra (1971), a proposta de classificação do sistema dialetal português utilizada de forma praticamente unânime há meio século, que se apoia exclusivamente em fenómenos

dessa área gramatical. As razões para esse predomínio são várias, mas destaca-se a maior facilidade em recolher e analisar um número mais reduzido de variáveis (sons ou fonemas) do que nos outros domínios gramaticais (palavras, flexões, combinações sintáticas, etc.).

Ao enorme número de variáveis compreendidas (o vocabulário fundamental de uma língua natural está sempre na ordem dos milhares de formas), o léxico junta uma profunda interdependência de fatores externos à própria língua (pois a existência de uma palavra depende da existência do/s conceito/s que a motiva/m) para repelir esforços na tentativa de compreensão da sua estrutura geolinguística. Sem métodos quantitativos, é necessário escolher uns poucos conceitos semânticos para estudar, o que é arbitrário, como arbitrário é o desenvolvimento histórico das *coisas* que as *palavras* representam. E a ciência dá-se mal com a arbitrariedade.

No caso português, é mais uma vez um estudo de Cintra que forma o prisma com que normalmente se olha para a paisagem lexical dos dialetos. Em "Áreas lexicais no território português" (publicado primeiramente em 1962 e reeditado em 1983), o autor analisa, com base em materiais do *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica* (ALPI) que recolhera no início dos anos 1950, oito conceitos lexicais. Seis desses conceitos estão ligados à criação de gado, ou seja, ao léxico da vida rural e tradicional, e dois pertencem ao vocabulário comum da língua, escolhidos "para demonstrar que, noutros sectores, aparecem esquemas de distribuição dos tipos lexicais iguais ou muito semelhantes" aos primeiros (Cintra 1983: 85). Trata-se, respetivamente, de 'ordenhar', 'úbere da vaca', 'soro', '(fêmea) estéril', 'cria da ovelha', 'cria da cabra'; e 'maçaroca' e 'queixo'.

O próprio autor nos alerta para o facto de os conceitos estudados e a rede de pontos de inquérito tida em conta serem em volume demasiado reduzido para se proceder a inferências definitivas sobre o panorama geolinguístico do país, mas não deixa de analisar as principais coerências geográficas encontradas. Entre elas destaca-se uma oposição entre Noroeste-Oeste, por um lado, e Sul-Este-Nordeste, por outro,

que está patente na maior parte dos mapas analisados (cf. Mapa 1).[2] A primeira região destaca-se pelo conservadorismo, pois resistem nela, sistematicamente, formas arcaicas ou arcaizantes, ao passo que a segunda região se caracteriza "pela generalização de inovações de vários tipos", sejam autóctones ou tenham origem externa. Se na primeira zona se resiste à inovação, na segunda as formas novas ou mais recentes "parecem encontrar relativamente pouca resistência por parte dos tipos lexicais anteriores até ao limite máximo indicado para a primeira zona" (Cintra 1983: 92).

A explicação para esse padrão é, segundo o autor, simples e reside na estrutura do povoamento histórico do ocidente peninsular (Cintra 1983: 92-94): enquanto a área do Sul-Este-Nordeste foi, em consequência da invasão islâmica da Península Ibérica na Idade Média e da reconquista cristã que logo se lhe seguiu, "intensamente despovoada" e "objecto de uma política sistemática de repovoamento praticada, principalmente nos séculos XII e XIII, pelos reis de Portugal", a área do Noroeste-Oeste manteve sempre um povoamento consistente. Temos, portanto, uma

> oposição entre um Portugal permanentemente povoado, ocupado por uma população que, na sua maior parte, tem raízes muito antigas na terra em que habita, população fundamentalmente avessa a inovações, e um Portugal repovoado nos séculos XII e XIII — o Portugal de colonização […] — ocupado nessa época relativamente tardia por uma população de várias proveniências que nele se misturou em localidades fundadas de novo ou totalmente reorganizadas, população propensa a criar ou a admitir formas de viver e de falar novas ou modificadas […]. É [essa oposição] que me parece estar na base de um dos traços essenciais — talvez o mais significativo — na estruturação lexical do território português.

Os resultados de Cintra foram recentemente postos à prova por Álvarez & Saramago (2012), que analisaram exatamente os mesmos oito conceitos em materiais mais abrangentes temporal e espacialmente e, na sua larga maioria, ainda inéditos. A saber, em ordem cronológica (Álvarez & Saramago 2012: 57-58): (i) os materiais dos 15 pontos de inquérito do ALPI recolhidos nos anos 1930 (antes de o projeto ser

[2] Os mapas analisados neste trabalho são colocados em anexo no final do texto: Apêndice I.

interrompido pela Guerra Civil de Espanha e pela Segunda Guerra Mundial), em que Cintra não participou, e que estão localizados sobretudo no extremo noroeste do país e na região de Lisboa; (ii) os materiais do *Inquérito Linguístico Boléo* (ILB, inquérito dialetal por correspondência e no terreno, desenvolvido por Manuel de Paiva Boléo entre 1942 e 1974);[3] (iii) os próprios materiais recolhidos por Cintra nos restantes 77 pontos de inquérito do ALPI; e (iv) os materiais dos 176 pontos de inquérito do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG)[4] localizados em Portugal continental, recolhidos entre 1973 e 1997. Ora, não obstante alguns factos pontuais que possam ser corrigidos no estudo de Cintra, as suas conclusões mantêm-se no essencial (Álvarez & Saramago 2012: 71):

> A nossa análise, baseada em material anterior e posterior às recolhas do ALPI [efetuadas por Cintra] e com uma rede mais densa, demonstra que a divisão das áreas lexicais estabelecida por Lindley Cintra continua mantendo a sua pertinência e validade, em grandes linhas, especialmente no que diz respeito à distribuição das principais respostas […].

Apesar de apoiados em materiais e métodos que podemos hoje considerar clássicos, os resultados de Cintra são, portanto, robustos: fazem sentido à luz da história e da geografia do país e são verificáveis em dados de proveniência diversa. Não são, porém, os únicos: Carvalho (1953) — pioneiro neste tipo de estudo em Portugal —, por exemplo, analisa conceitos diferentes e chega a conclusões bem diferentes, assim como outros conceitos utilizados por Cintra não deixam, como o próprio autor refere, de remeter para diferentes estruturas geolinguísticas (cf. Cintra 1983: 90-91). Trata-se, como é evidente, de divergências que dependem muito da casuística motivada pelas já referidas dificuldades que o estudo do léxico coloca aos métodos tradicionais, i.e. aos procedimentos de análise qualitativa. Generalizar a partir de dados muito diversos é difícil e é talvez matéria exclusiva de abordagens quantitativas.

[3] Pode ver-se uma descrição muito sucinta do projeto, com bibliografia, em Brissos (2022: 117).
[4] Descrito brevemente em Saramago (2006) e muito brevemente em Brissos (2022: 119-121).

Saramago (1986) procede justamente a uma análise quantitativa — i.e. dialetométrica —[5] dos materiais portugueses do *Atlas Linguarum Europae* (ALE), projeto de cartografia linguística da totalidade do continente europeu.[6] Está em causa um questionário de 546 conceitos pertencentes maioritariamente ao léxico comum (de forma a potenciar a comparação entre línguas com bases geográficas e culturais muito diversas),[7] aplicado em 53 pontos de Portugal continental (mapa 2) a informantes de perfil conservador (ou seja, do chamado tipo *NORM/F* = non-mobile, older, rural male/female). Todos os inquéritos portugueses do ALE foram realizados em 1975.

Saramago, que se apoia no paradigma da chamada *Escola de Dialetometria de Salzburgo* (EDS), mais especificamente em Goebl (1983), ocupa-se apenas do léxico, com um total de 95 conceitos analisados. Uma vez que a abordagem dialetométrica é, por natureza, *cega*, i.e. seleciona as variáveis a partir de critérios gerais e não casuísticos, esses 95 conceitos não estão concentrados em um ou poucos campos semânticos; cf. lista completa em Saramago (1986: 3-18).

O mapa 3 representa os resultados de Saramago (1986) e dele podemos extrair imediatamente uma conclusão muito interessante: concorda notoriamente com os resultados de Cintra, mas com os da análise fonética (mapa 4); os da análise lexical, que já vimos no mapa 1, são muito diferentes. O mapa 3 denota uma divergência profunda entre o Norte e o Centro Interior, por um lado, e o Centro Litoral e o Sul, por outro; na primeira área existe muito maior variação linguística — os pontos respetivos têm, na sua maioria, valores de diferença acima da média para com os pontos confinantes — do que na segunda, marcadamente mais homogénea (predominam os

[5] Definimos operatoriamente a dialetometria, de acordo com Brissos & Saramago (2019: 3), como "uma abordagem quantitativa ao estudo dos dialetos com um enfoque na métrica, i.e. na mensuração dos fenómenos de variação dialetal por meio de procedimentos exatos e totalmente comparáveis, os quais importa da classificação numérica ou taxonómica. Aplica cálculos matemático-estatísticos elaborados à matriz de dados obtida a partir dos procedimentos referidos e representa cartograficamente (*espacializa*) os resultados desses cálculos, cabendo ao linguista, com a liberdade que a estatística confere, a tarefa final de interpretação do quadro geolinguístico que tem à frente." Ao longo do presente trabalho veremos na prática os passos fundamentais do método dialetométrico, desde a constituição da matriz de dados até à interpretação dos resultados.

[6] Pode encontrar-se uma descrição breve deste projeto, iniciado na Holanda nos anos 1970 e sediado atualmente na Roménia, na página *web* do comité português: Carrilho (2019).

[7] Em Weijnen *et al.* (1975, 1976 e 1979) e Viereck (2005) pode ver-se o questionário completo do ALE nas várias formas por que passou ao longo dos anos.

valores de diferença abaixo da média). Não se encontra, portanto, a bipartição Noroeste-Oeste *vs.* Sul-Este-Nordeste verificada por Cintra (1983).

Temos aqui informação muito sugestiva, tanto pelo seu caráter abrangente (entenda-se: dialetométrico/quantitativo) como pela relação que estabelece com a bibliografia anterior. Por um lado, confirma-se a classificação dialetal de Cintra (1971), que se apoia na fonética; por outro lado, infirma-se a interpretação da estrutura lexical portuguesa proposta pelo mesmo autor (Cintra 1983), que serve de referência comum. Aqui devemos ter em conta que Saramago (1986) utiliza uma abordagem quantitativa mais limitada do que as que estão hoje ao nosso dispor. O extremamente meritório trabalho do autor — o primeiro estudo dialetométrico sobre o português — insere-se no período da história da dialetometria a que podemos *clássico*, ou seja, o período que inclui os estudos feitos entre os anos 1970 (quando a dialetometria surge como disciplina) e o final do século, ainda sem recurso a ferramentas computorizadas especificamente desenvolvidas para o efeito. Esse paradigma opõe-se ao atual, *moderno ou pós-clássico*, em que os computadores, a digitalização e o *software* são quase tudo e os parâmetros de análise muitos mais.

Tomamos esse repto no presente artigo, em que nos concentramos em três objetivos fundamentais: (i) aplicar princípios quantitativos atualizados ao estudo do léxico dialetal de Portugal continental, do que (ii) se extrairá uma análise tentativamente objetiva e geral da estruturação geolinguística desse léxico; paralelamente, (iii) confrontaremos os nossos resultados com os de Cintra (1983 e 1971) e com os de Saramago (1986), de onde advirão conclusões de ordem não apenas estritamente linguística mas também metodológica. Apoiamo-nos nos materiais e nos métodos que passamos a indicar.

2. Metodologia

Este trabalho insere-se plenamente na recente tradição de estudos dialetométricos sobre o léxico de regiões portuguesas e brasileiras. Vejam-se sobretudo: Brissos, Gillier & Saramago (2016), para o arquipélago da Madeira; Brissos, Gillier & Saramago (2017) e (2019), para o arquipélago dos Açores; Brissos (2021a), para o *barranquenho* (a variedade linguística de Barrancos, município fronteiriço português) em comparação com os dados portugueses do ALE; Brissos & Saramago (2019), para a Região Sul do Brasil (estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul); Brissos (2021b), para o Amazonas.

Utilizamos, portanto, uma metodologia bem testada, sobre o que há a especificar o seguinte:

a) as variantes lexicais são determinadas pela etimologia do respetivo radical. Assim, p. ex., o conjunto *cão*, *cãozinho*, *cãozito*, *perro* gera duas e não quatro variantes: *cão* (onde se incluem *cãozinho* e *cãozito*), *perro*;

b) as questões mononímicas (i.e. os conceitos que obtiveram a mesma resposta/variante em todos os pontos de inquérito) são excluídas, pois não permitem detetar áreas de variação;

c) as questões para que não se obteve resposta em todos os pontos de inquérito (i.e. os conceitos em que existe pelo menos um ponto sem resposta) são excluídas, pois podem provocar distorção estatística;

d) os parâmetros de análise dialetométrica utilizados são os da EDS, paradigma metodológico com maior tradição na romanística (Goebl 2012, 2016, 2018, 2020ss.);

e) o *software* utilizado é a DiaTech (Aurrekoetxea *et al.* [2012], 2013), que permite a consideração das chamadas respostas múltiplas, i.e. o registo, na matriz de dados, de mais de uma resposta (variante) a uma mesma questão (variável) num mesmo ponto de inquérito. Os procedimentos convencionais da EDS não o permitem, em parte porque, nos atlas linguísticos tradicionais, o peso das respostas múltiplas não é normalmente tão significativo como nos atlas mais recentes (veja-se mais sobre esta

questão em Aurroekoetxea *et al*. 2013: 24-27 e em Brissos, Gillier & Saramago 2017: 15-16);

f) é acrescentado aos 53 pontos de inquérito do ALE um ponto *artificial* correspondente ao português padrão europeu (PPE), cuja comparação com os dialetos propriamente ditos tem interesse não só diatópico mas também diastrático e diafásico. As respostas desse ponto artificial ao questionário do ALE foram geradas a partir do princípio de que o PPE contemporâneo deve ser definido como "a variedade falada e difundida nos *media* ou outros trabalhos culturais de referência pelas classes cultas [de] Lisboa (e, bem assim, da sua área metropolitana); norma que depois tem na escola (e na escolarização) um importante meio de expansão […]" (Brissos 2012: 12). Indexa-se assim a atual variedade padrão essencialmente a Lisboa, fazendo jus à estabilidade histórica do *standard* português e da geopolítica interna do país — localização da capital incluída, que reside em Lisboa desde meados do século XIII —, não deixando de se ter em conta a acentuada tendência centrípeta dessa geopolítica;

g) o mapa 5 representa a carta-base da nossa análise dialetométrica; é utilizada a representação *standard* da EDS, que divide a rede de pontos de inquérito em polígonos de constituição uniforme (i.e. representa-se o espaço compreendido na análise em poligonação de Voronoi).

Da aplicação dos critérios referidos em a), b) e c) resultou uma matriz de dados com 123 conceitos lexicais, cujo inventário colocamos no Apêndice II. Apesar de o questionário original de 546 conceitos ter ficado substancialmente reduzido, foi possível aumentar o número de conceitos utilizados por Saramago (1986) e permanecer bem acima do limite mínimo tradicional da EDS de 100 variáveis (conceitos lexicais, no caso que nos interessa) por matriz de dados. Mais importante, porém, é a alta representatividade desses 123 conceitos no questionário do ALE: 45 (= 69,23%) dos 65 campos semânticos estão compreendidos na matriz.

3. Resultados

A análise dendrográfica (também chamada análise de agrupamentos ou análise de *clusters* = ing. *cluster analysis*), de que temos o primeiro exemplo no mapa 6, permite segmentar os dados em grupos de pontos de inquérito mais ou menos homogéneos: quanto maior o número de grupos, maior a homogeneidade de cada um deles, pois o dendrograma (< gr. *déndron, -ou* 'árvore' + *grámma*, *-atos* 'registo, lista, desenho') em que os dados são organizados, que segue uma organização hierárquico-aglomerativa (como qualquer árvore), está mais fragmentado.[8] É essa segmentação que se transpõe (*espacializa*) em mapa; o mapa 6 dá-nos a linha de corte mais baixa, em dois grupos/*clusters*. A interpretação é, não obstante, muito fácil:[9] verifica-se (com uma semelhança notável) a classificação dialetal de Cintra (1971) (mapa 4; classificação, como vimos na secção 1, apoiada exclusivamente em dados fonético-fonológicos) e, por extensão, a generalidade dos resultados de Saramago (1986); não se verifica a análise propriamente lexical de Cintra (1983). Temos, portanto, a estruturação lexical do território português dividida na oposição Norte-Sul — mais precisamente Norte e Centro interiores *vs.* Litoral e Centro-Sul —, e não nas oposições mais complexas definidas por Cintra (1983). Para além disso, o PPE pertence ao agrupamento mais estendido no país, de cariz centro-meridional.

Se subirmos a linha de corte para três agrupamentos (mapa 7), é precisamente o *cluster* mais numeroso que se cinde, continuando o PPE a pertencer ao grupo com maior número de pontos (25, quase tantos como todos os outros grupos juntos). Esse grupo predomina no litoral, embora siga até à fronteira com Espanha no norte e no centro do país. Pode estar aqui, não obstante, um indício do putativo *shift* em curso da organização espacial dos dialetos portugueses continentais: a inversão da tradicional divisão Norte ~ Sul (refletida na classificação de Cintra 1971 e em todos os trabalhos

[8] Remetemos especialmente para Brissos, Gillier & Saramago (2017) e Goebl (2020ss.) para explicações detalhadas do funcionamento dos parâmetros de análise dialetométrica utilizados nesta secção.

[9] Na qual temos em conta que, ao contrário do que se passa noutros parâmetros dialetométricos, as cores não têm aqui nenhum significado que não o de distinguir pontos no mapa.

do mesmo âmbito que o antecederam) para uma fração Litoral ~ Interior, que Castro (2016), em entrevista, foi o primeiro a referir:

> Em Portugal, há 50 anos, dizia-se que havia dialetos no Norte e no Sul do país que se distinguiam, e no Norte havia mais dialetos que se distinguiam uns dos outros. […] Havia um panorama que foi cartografado, que é o mapa de dialetos de Lindley Cintra. Um mapa muito semelhante aos das regiões portuguesas de Orlando Ribeiro. São produtos da mesma época e que davam contam da situação nessa altura. Hoje em dia não há isso. Não há a mesma divisão entre Norte e Sul. Há, sim, divisão entre litoral e interior. E o litoral é constituído por uma espécie de megacidade onde vive quase toda a população portuguesa, que vem desde Viana do Castelo até ao Algarve com uma interrupção entre Sines e Lagos. Nesta megacidade predomina um superdialeto que é o português *standard* – que já não é só o português de Lisboa. É o português da comunicação social, é o português das escolas.

Brissos (2016) examina essa hipótese em dados fonético-fonológicos e morfossintáticos do ALEPG relativos ao centro-sul do país e chega à mesma conclusão que o mapa 7 nos permite formular: não verificamos a referida megacidade, mas talvez verifiquemos indícios dela ou condições propícias para a sua constituição do ponto de vista geolinguístico — pois do ponto de vista demográfico ela já é indiscutível, como o mapa 8 deixa evidente. Tanto os dados do ALEPG como os do ALE se localizam cronologicamente, porém, num período de acentuada transição na história do país, nomeadamente, o pós-revolução de abril de 1974 e, por isso, o pós-império e o início da integração europeia. A análise mais miúda — e mais diversificada gramaticalmente — das estruturas geolinguísticas presentes nesses e noutros *corpora* poderá trazer mais luz à questão, a que voltaremos quando dispusermos da dialetometrização da componente fonética do ALE. Não deixaremos, no entanto, de notar dois factos complementares que estão patentes no mapa 7 e favorecem a visão de Castro: (i) PPE, Porto, Lisboa e Faro estão agrupados num mesmo *cluster*, que exclui a maioria das capitais de distrito do interior; (ii) é a partir de Coimbra e do Tejo (regiões historicamente importantes na constituição do padrão linguístico português) que esse *cluster* atinge a mais substancial expansão para dentro do território.

As subidas seguintes da linha de corte do dendrograma (4 e 5 agrupamentos) provocam cisões apenas no *cluster* do Norte-Centro Interior, o que é uma consequência de ser essa a área sob pressão, tanto linguisticamente (pela sua menor relação com o PPE) como geograficamente (todos os pontos respetivos tocam na fronteira com Espanha e/ou não tocam no litoral). O mapa 9 dá-nos a representação em cinco agrupamentos, onde a região do mirandês já está individualizada (agrupamento vermelho) e o Norte, em sentido geral, já tem a forma de mosaico.

Cortes superiores na árvore geram paisagens linguísticas muito fragmentadas, mas em nenhuma delas o PPE se individualiza: veja-se o mapa 10, que representa o maior número de agrupamentos permitido pelo *software* (12) e, apesar de mostrar um verdadeiro mosaico de áreas mais ou menos fragmentadas, não individualiza a variedade padrão, que pertence a um *cluster* com outras quatro localidades bem dispersas. Significativamente, aliás, *a*) apenas três *clusters* têm mais pontos de inquérito do que o do PPE, *b*) dois têm o mesmo número de pontos e *c*) seis têm menos localidades, dos quais dois têm apenas uma.

Não é surpreendente, por isso, que a distribuição de assimetria (mapa 11) coloque o PPE no lote dos pontos com uma integração linguística acima da média no conjunto dos dados (ou, se se preferir, com diferenciação linguística abaixo da média). A distribuição de assimetria procede a uma síntese relacional do grau de semelhança/dissemelhança linguística que cada ponto de inquérito tem em relação a todos os outros pontos de inquérito do *corpus*. Os pontos com um nível de assimetria acima da média, colocados à direita no histograma e representados com cores quentes, têm um nível de integração linguística abaixo da média; pelo contrário, os pontos com um nível de assimetria abaixo da média são colocados à esquerda no histograma e representados com cores frias, uma vez que têm um grau de integração linguística acima da média. O PPE pertence ao escalão verde, ou seja, ao segundo escalão menos assimétrico/dissemelhante; por outro lado, a maioria dos pontos com níveis de assimetria acima da média (escalões amarelo e vermelho), e todos os que têm o grau mais alto de assimetria (escalão vermelho), estão localizados no Norte-Centro Interior. Trata-se essencialmente da mesma área que a análise dendrográfica já

nos revelou ser uma das duas personalidades linguísticas basilares da estrutura lexical do país, no caso a mais retraída e pressionada. Níveis de assimetria altos (i.e. saliência no conjunto dos dados) são justamente o que se espera numa área com essas características.

A concordância evidente entre os resultados da análise dendrográfica e da distribuição de assimetria permite-nos imediatamente obter um quadro conclusivo do nosso estudo.

4. Conclusão

Retomamos diretamente os três objetivos fundamentais deste trabalho (cf. secção 1): (i) aplicar princípios quantitativos atualizados ao estudo do léxico dialetal de Portugal continental; (ii) proceder a uma análise tentativamente objetiva e geral da estruturação geolinguística desse léxico; (iii) confrontar os resultados respetivos com os de Cintra (1983 e 1971) e com os de Saramago (1986), de onde advêm conclusões de ordem não apenas estritamente linguística mas também metodológica.

O primeiro objetivo é cumprido transparentemente, pela utilização de procedimentos atualizados *a*) na constituição da base de dados, que inclui respostas múltiplas e aumenta a de Saramago (1986) em 29,47% (95 < 123 conceitos), e *b*) na análise dos resultados, onde se destacam a análise dendrográfica (o parâmetro de referência da EDS atual) e as técnicas de visualização cartográfica possibilitadas pelo *software* DiaTech.

Essa metodologia permitiu que chegássemos a um quadro geral dos dados (segundo objetivo) de forma mais linear do que é comum em trabalhos sobre variação lexical. Com efeito, verificámos que a organização geográfica do sistema dialetal português (continental) parece repetir no léxico aquilo que tradicionalmente se tem observado na fonologia, ou seja, uma estruturação em dois grandes grupos, um localizado no Norte e Centro interiores e outro abrangendo o resto do país. Serve de

referência, para o léxico, o mapa 6, que representa a análise dendrográfica do *corpus* com uma linha de corte de dois *clusters* e que podemos definir, no estado atual dos conhecimentos, como o mapa-síntese da estruturação lexical do território português. Para a fonologia, serve de referência o mapa 4, que representa a bem estabelecida classificação dialetal de Cintra (1971).

O léxico não ter uma organização geográfica essencialmente diferente da fonologia é um ponto da maior relevância: desde logo, vai contra o quadro delineado por Cintra (1983), que nos tem servido de referência primordial sobre o assunto. Favorecem a revisão desse quadro, no entanto, dois argumentos principais: por um lado, a concordância, no essencial, entre os nossos resultados e os de Saramago (1986); por outro lado, o fundamento que, graças a métodos e tecnologias que não existiam no tempo de Cintra, o nosso trabalho e o de Saramago (1986) podem ter, nomeadamente a análise quantitativa de um *corpus* muito extenso de lexemas. No todo do léxico de uma língua, porém, 95 ou 123 palavras estão longe de ser tudo, pelo que é claro que devemos ser sempre cautelosos no que toca à extração de conclusões liminares.

Um aspeto lateral que não pode deixar de ser ressaltado, pois não tinha sido objeto de tratamento nos estudos anteriores, é a relação da variedade padrão da língua com o sistema dialetal que a suporta. Como os mapas 10 e 11 mostram, o PPE prima não pelo destaque, mas pela perfeita integração — podemos dizer diluição — na paisagem linguística continental. Este é um facto que concorda com a tão bem conhecida homogeneidade do português europeu, em que, como tradicionalmente se diz, "um pastor do Gerês (extremo Norte) se entende sem dificuldades com um pescador de Tavira (extremo Sul)". Num momento em que a discussão sobre o estatuto legal de variedades linguísticas destacadas da família galego-portuguesa é particularmente intensa (e.g. *barranquenho*: Gonçalves & Navas 2021; ou a *fala*: Flores Pérez 2019), conhecer a efetiva relação entre o sistema dialetal português e o seu *standard*, tão consolidado ao longo dos séculos, é, parece-nos, da maior importância. Talvez mais do que a que lhe tem sido concedida.

O terceiro objetivo do nosso trabalho conduz-nos a outra conclusão interessante: Saramago (1986) foi capaz, com uma metodologia dialetométrica muito mais básica (embora totalmente atualizada no paradigma então vigente), de chegar a resultados parecidos com os nossos. É certo que os nossos resultados se poderão defender melhor, pelo seu suporte técnico mais atual e pelo maior volume de dados em que se apoiam; mas, por isso mesmo, essa defesa abrange, colateralmente, o trabalho de Saramago. Ora, tendo em conta a menor curva de aprendizagem das técnicas utilizadas em Saramago (1986), podemos concluir que a dialetometria não será tão difícil de fazer como se pode pensar (os métodos quantitativos podem facilmente assustar o investigador em Humanidades). Por outro lado, somos levados a perguntar-nos se não teremos aqui um exemplo da tendência hipercomplexificadora que não raras vezes se verifica na ciência contemporânea.

Referências bibliográficas

ÁLVAREZ, Xosé Afonso & João SARAMAGO (2012) "Áreas lexicais galegas e portuguesas: Um novo olhar para a proposta de Cintra", *Estudis Romànics*, XXXIV, 55-97.

AURREKOETXEA, Gotzon *et al.* (2013) "'DiaTech': A new tool for dialectology", *Literary and Linguistic Computing*, 28(1), 23-30.

AURREKOETXEA, Gotzon *et al.* [2012] *Diatech – tool for doing dialectometry*, Universidad del País Vasco. <http://eudia.ehu.es:8080/diatech_old/index/>

BRISSOS, Fernando (2012) *Linguagem do sueste da Beira no tempo e no espaço*, Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

BRISSOS, Fernando (2016) "Portugal: a cidade e o interior. I – Centro-sul", *Limite – Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía*, 10.1, 85-107. <https://publicaciones.unex.es/index.php/limite/article/view/1556/1519>

BRISSOS, Fernando, Raïssa GILLIER & João SARAMAGO (2016) "O problema da subdivisão da variedade dialetal madeirense: estudo dialetométrico da variação lexical", *Revista da Associação Portuguesa de Linguística,* 2, 31-47.

<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/32733>

BRISSOS, Fernando, Raïssa GILLIER & João SARAMAGO (2017) "Variação lexical açoriana: estudo dialetométrico do Atlas Linguístico-Etnográfico dos Açores", em María Álvarez de la Granja, Ana Boullón Agrelo & Ernesto González Seoane (eds.), *Aproximacións á variación lexical no dominio galego-portugués* (monografia 11 da *Revista Galega de Filoloxía*), A Coruña: Universidade da Coruña, 11-28.
<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/32734>

BRISSOS, Fernando, Raïssa GILLIER & João SARAMAGO (2019) "As variedades açorianas no sistema dialetal português: síntese atualizada", em *O Faial e a periferia açoriana nos séculos XV a XX.* Atas do VII Colóquio realizado na cidade da Horta e na Vila das Velas entre 14 e 17 de maio de 2018, Horta: Núcleo Cultural da Horta, 557-576.

BRISSOS, Fernando & João SARAMAGO (2019) "Análise dialetométrica do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil: variação lexical", em Ernestina Carrilho *et al.* (eds.), *Estudos linguísticos e filológicos oferecidos a Ivo Castro*, Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 349-379. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/39619>

BRISSOS, Fernando (2021a) "O barranquenho nos materiais do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza*", em Maria Filomena Gonçalves & María Victoria Navas (eds.), *O barranquenho como língua de contacto no contexto românico*, Lisboa: Colibri, 113-135.

BRISSOS, Fernando (2021b) "Análise dialetométrica do Atlas Linguístico do Amazonas: variação lexical", *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, XIX/1 (37), 167-205.

BRISSOS, Fernando (2022) "Passado, presente e futuro da geografia linguística em Portugal", em Isabel Molina Martos & Pilar García Mouton (eds.), *Geolingüística en la Península Ibérica*. *Anejos de la Revista de Filología Española*, Madrid: CSIC, 113-136.

CARRILHO, Ernestina (coord.) (2019) *Atlas Linguarum Europae*. (Página *web* do comité português: <https://www.clul.ulisboa.pt/projeto/ale-atlas-linguarum-europae>)

CARVALHO, José Herculano de (1953) *Coisas e palavras: Alguns problemas etnográficos e linguísticos relacionados com os primitivos sistemas de debulha na Península Ibérica*, Coimbra: Universidade de Coimbra. (Separata de *Biblos*, XXIX.)

CASTRO, Ivo (2016) entrevista dada a Tânia Pinto Ribeiro para *Prelo*, Lisboa: Imprensa-Nacional Casa da Moeda. <https://imprensanacional.pt/ivo-castro-em-entrevista/>

CINTRA, Luís Lindley (1971) "Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses", *Boletim de Filologia*, XXII, 81-116.

CINTRA, Luís Lindley (1983) "Áreas lexicais no território português", *Estudos de dialectologia portuguesa*, Lisboa: Sá da Costa, 55-94. (Primeira publicação em *Boletim de Filologia*, XX, 1962, 273-307.)

FLORES PÉREZ, Tamara (coord.) (2019) *A Fala do Val de Xálima*, número especial (13.2) de *Limite – Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía*. <https://publicaciones.unex.es/index.php/limite/article/view/1678/1633>

GOEBL, Hans (1983) "Parquet polygonal et treillis triangulaire : les deux versants de la dialectométrie interponctuelle", *Revue Romane*, XLVII, 353-412.

GOEBL, Hans (2012) "Introduction aux problèmes et méthodes de l''École dialectométrique de Salzbourg' (avec des exemples gallo-, italo- et ibéromans)", em Xosé Afonso Álvarez Pérez, Ernestina Carrilho & Catarina Magro (eds.), *Proceedings of the International Symposium on Limits and Areas in Dialectology (LimiAr), Lisbon, 2011*, Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 117-166.

GOEBL, Hans (2016) "Romance linguistic geography and dialectometry", em Adam Ledgeway & Martin Maiden (eds.), *The Oxford guide to the Romance languages*, Oxford University Press, 73-87.

GOEBL, Hans (2018) "Dialectometry", em Charles Boberg, John Nerbonne & Dominic Watt (eds.), *The handbook of dialectology*, New Jersey: Wiley, 123-142.

GOEBL, Hans (2020ss.) *Dialektometrie*. (Página *web* com conteúdo teórico e prático sobre dialetometria: <http://dialektkarten.ch/dmviewer/index.en.html>)

GONÇALVES, Maria Filomena & María Victoria NAVAS (eds.) (2021) *O barranquenho como língua de contacto no contexto românico*, Lisboa: Colibri.

Público, jornal, edição *online* de 16/07/2019: "Portugal quer multiplicar por dez a facturação com o sector espacial até 2030". Ass. Camilo SOLDADO. <https://www.publico.pt/2019/07/16/ciencia/noticia/portugal-quer-multiplicar-dez-facturacao-sector-espacial-ate-2030-1880004>

SARAMAGO, João (1986) "Différenciation lexicale (un essai dialectométrique appliqué aux matériaux portugais de l'*A.L.E.*)", *Géolinguistique*, II, 1-31.

SARAMAGO, João (2006) "O Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)", sep. de *Estudis Romànics*, vol. XXVIII, 281-298.

SEGURA, Luísa & João SARAMAGO (2001) "Variedades dialectais portuguesas", *Caminhos do português*, Lisboa: Biblioteca Nacional, 221-240.

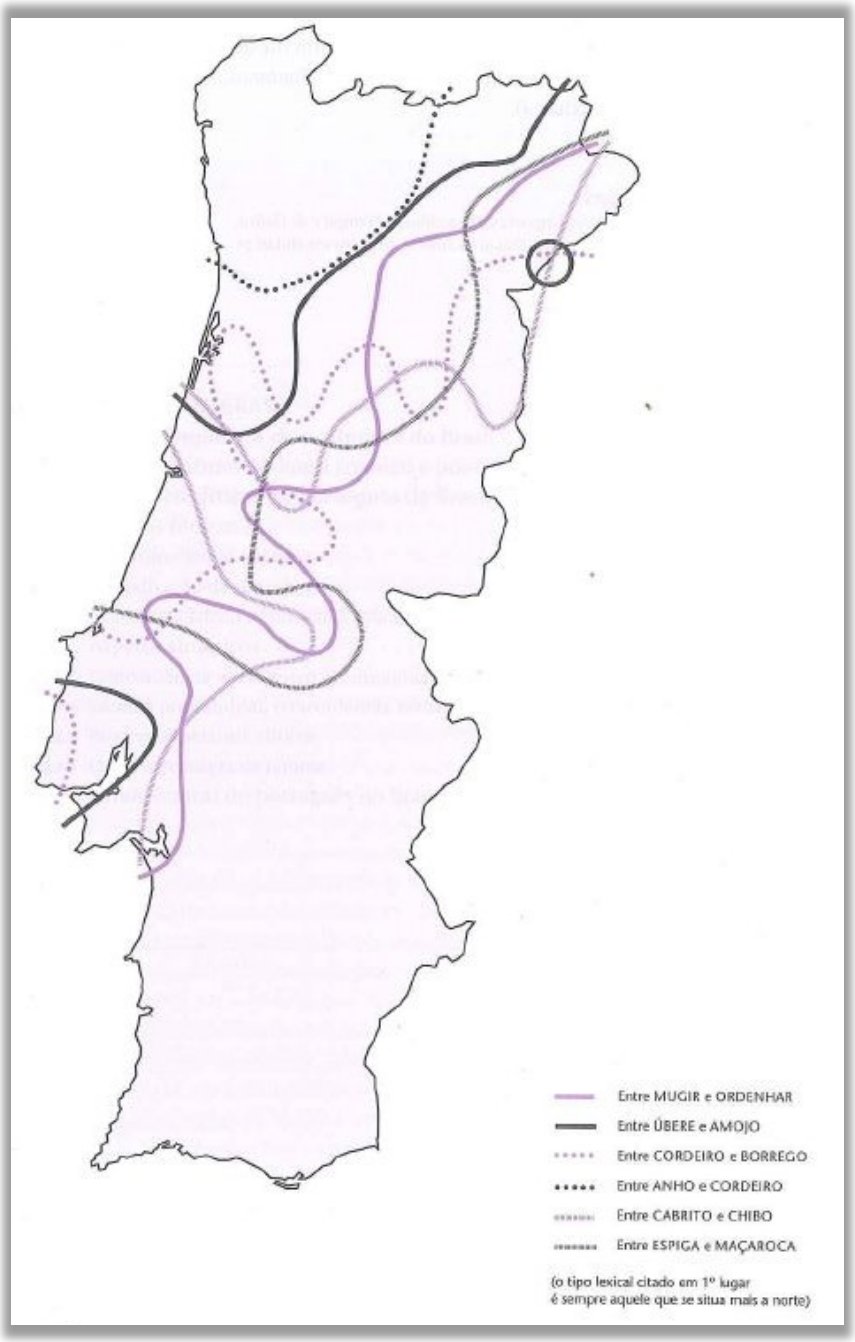
SEGURA, Luísa (2013) "Variedades dialetais do português europeu", em Eduardo Paiva Raposo *et al.* (orgs.), *Gramática do português*, I, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 85-142.

VIERECK, Wolfgang (2005) "The *Atlas Linguarum Europae* – its linguistic and cultural significance", *Revue Roumaine de Linguistique*, L (1-2), 73-92.

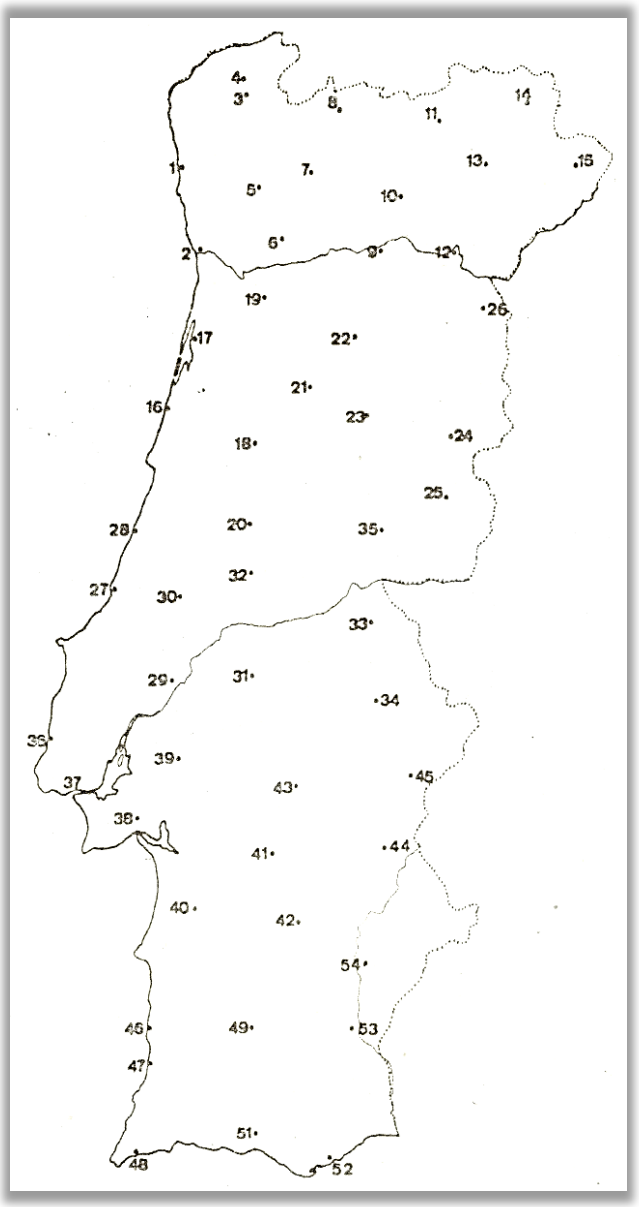
WEIJNEN, Antonius Angelus *et al.* (1975) *Atlas Linguarum Europae: Introduction*, Assen: Van Gorcum.

WEIJNEN, Antonius Angelus *et al.* (1976) *Atlas Linguarum Europae: Premier questionnaire*, Assen: Van Gorcum.

Apêndice I — Mapas



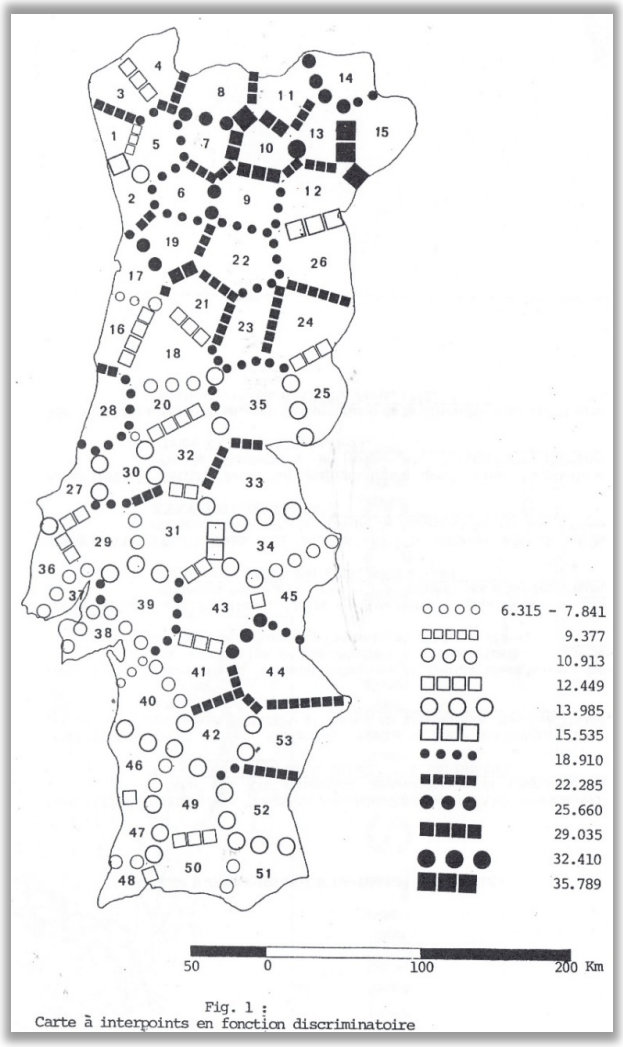
Mapa 1
Principais isoléxicas de Cintra (1983)
Fonte: Segura (2013: 141).



Mapa 2

Rede de pontos de inquérito portuguesa do *Atlas Linguarum Europae* (ALE)

Nomes das localidades: **1-** Esposende. **2-** Porto. **3-** Choças. **4-** Sobreira. **5-** Guimarães. **6-** Marco de Canaveses. **7-** Cabeceiras de Basto. **8-** Negrões. **9-** Valença do Douro. **10-** Murça. **11-** Sonim. **12-** Pocinho. **13-** Macedo de Cavaleiros. **14-** Gimonde. **15-** Campo de Víboras. **16-** Praia de Mira. **17-** Murtosa. **18-** Penacova. **19-** Arouca. **20-** Figueiró dos Vinhos. **21-** Lajeosa do Dão. **22-** Avelal. **23-** Sabugueiro. **24-** Santo Estêvão. **25-** Monsanto. **26-** Figueira de Castelo Rodrigo. **27-** Nazaré. **28-** Praia da Vieira. **29-** Vale de Santarém. **30-** Mira de Aire. **31-** Foros do Arrão. **32-** Ferreira do Zêzere. **33-** Alpalhão. **34-** Cabeço de Vide. **35-** Tinalhas. **36-** Assafora. **37-** Lisboa. **38-** Palmela. **39-** Canha. **40-** Grândola. **41-** Alcáçovas. **42-** Peroguarda. **43-** Arraiolos. **44-** Carrapatelo. **45-** São Romão. **46-** Porto Covo. **47-** Zambujeira do Mar. **48-** Praia da Salema. **49-** Ourique. [**50-** Não atribuído.] **51-** Alte. **52-** Fuzeta. **53-** Mértola. **54-** Serpa.

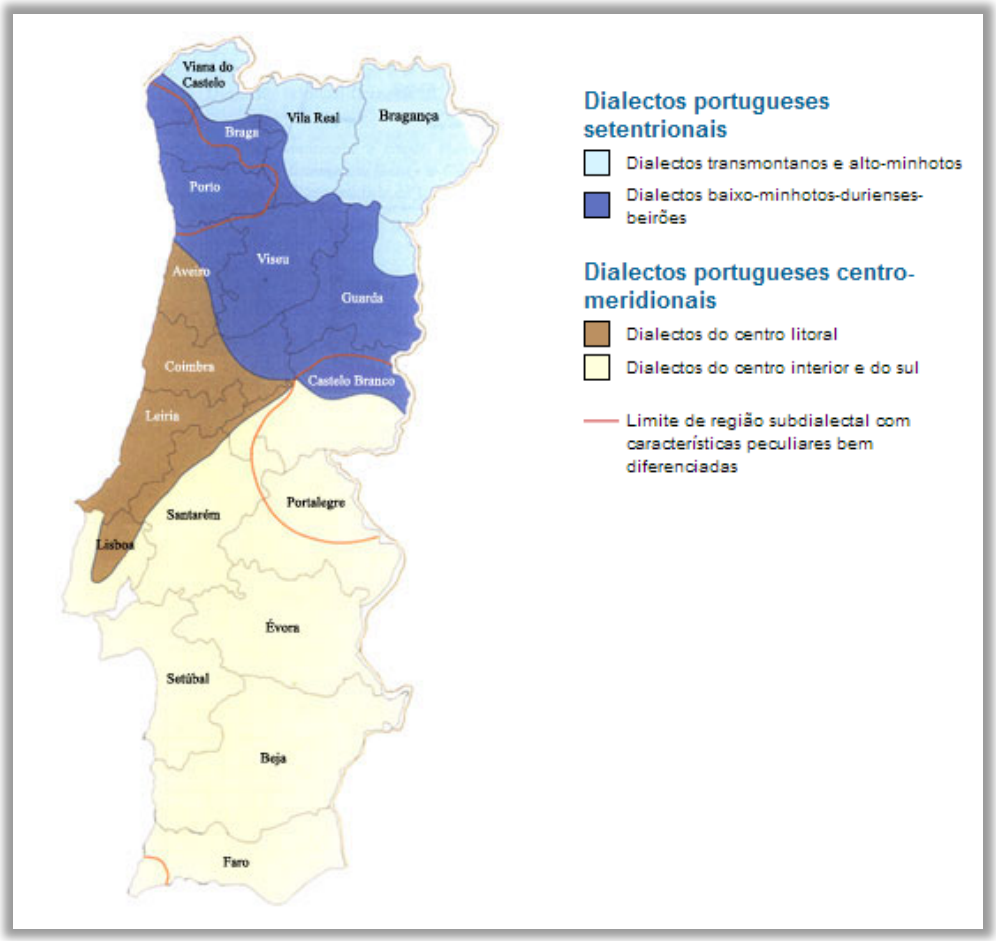


Mapa 3
Síntese dos resultados de Saramago (1986)
Fonte: Saramago (1986: 29).

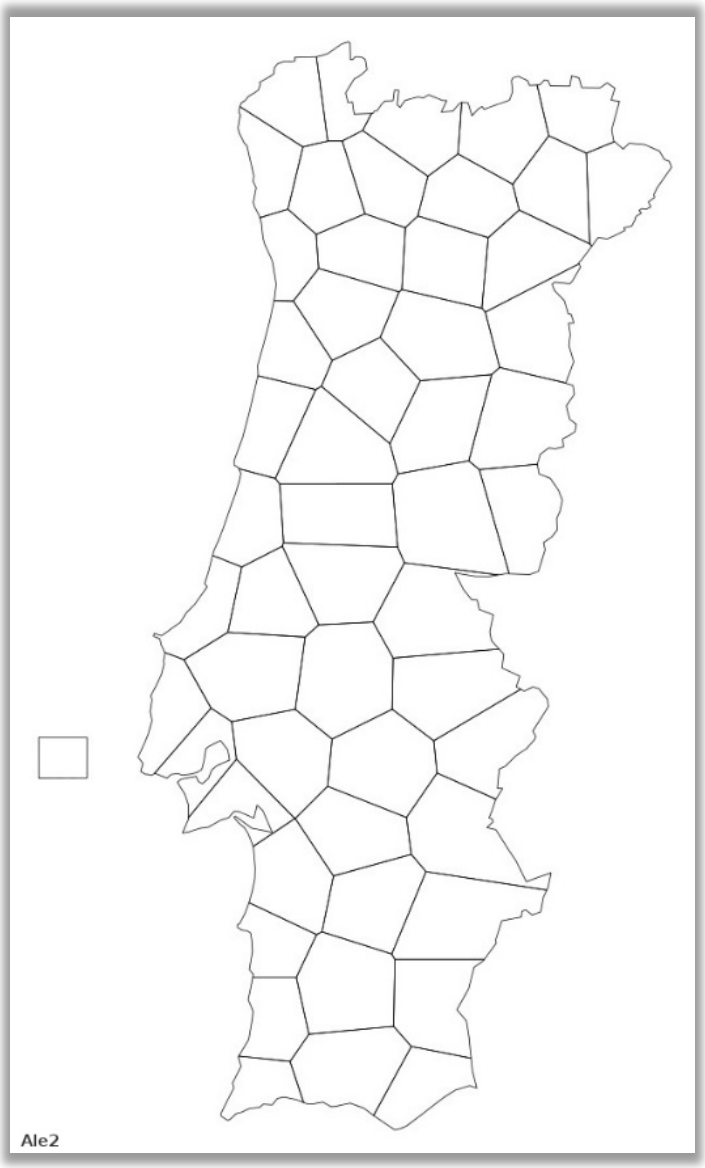
Função discriminatória ('fonction discriminatoire') = coeficiente de diferença de cada ponto com um ponto confinante. Com cor branca as relações com valor de diferença abaixo da média; com cor preta as relações com valor de diferença acima da média. Quanto maior o símbolo, maior o grau de diferença. Assim, por exemplo, o ponto 15 é maximamente diferente dos pontos 12 e 13, e os pontos 16 e 17 são minimamente diferentes (i.e. maximamente semelhantes) entre si.

O mapa utiliza uma abordagem *interpontual* ('carte à interpoints'), ou seja, representa as relações entre cada ponto e os pontos confinantes e não entre cada ponto e a totalidade dos outros pontos.[10]

[10] Nas palavras do autor: "Dans cette étude, on doit envisager les segments discriminatoires en tant qu'expression quantitative d'une plus grande ou plus petite individualité de chaque point vis-à-vis des autres avec lesquels il a été mis en relation et non en tant que "isoglosses quantitatives" qui permettent une délimitation géographique des dialectes" (Saramago 1986: 24).



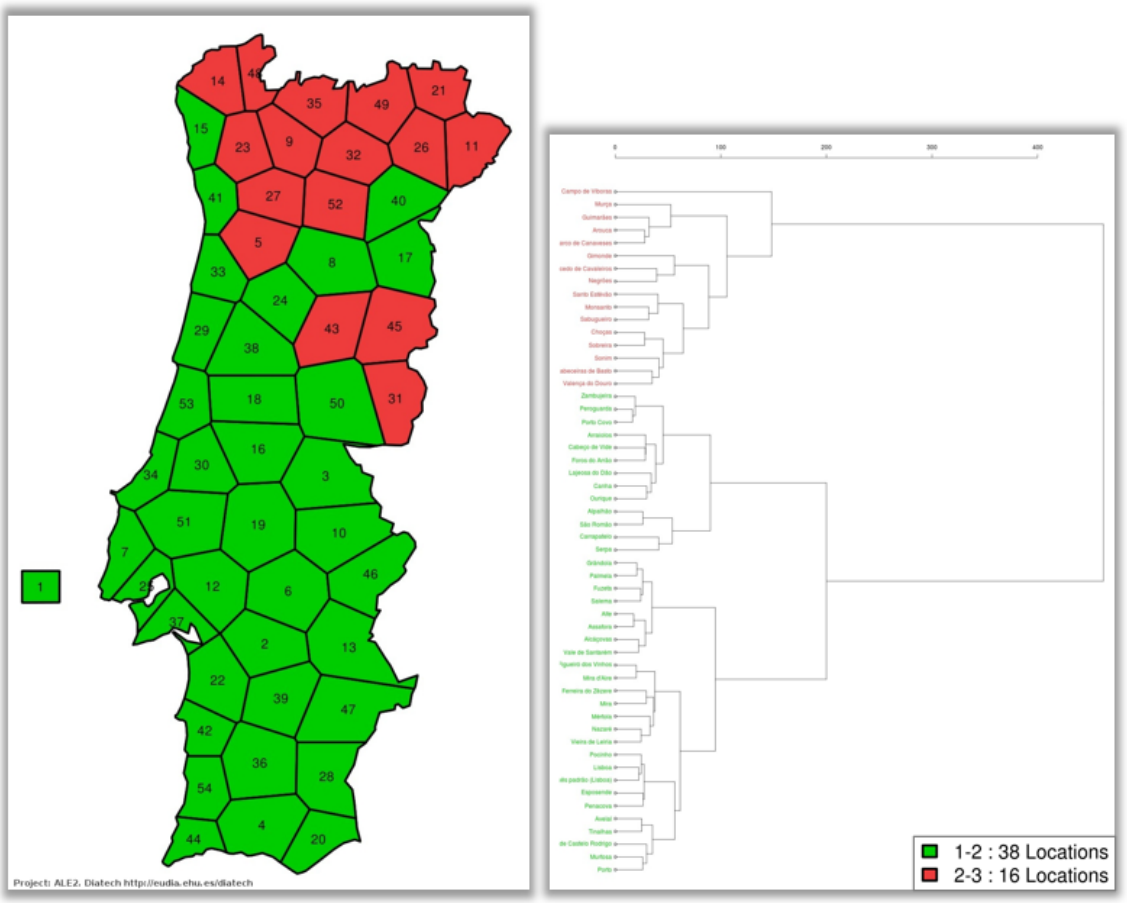
Mapa 4
Classificação dos dialetos portugueses segundo Cintra (1971)
Fonte: Segura & Saramago (2001).



Mapa 5

Representação-base da análise dialetométrica do ALE + PPE

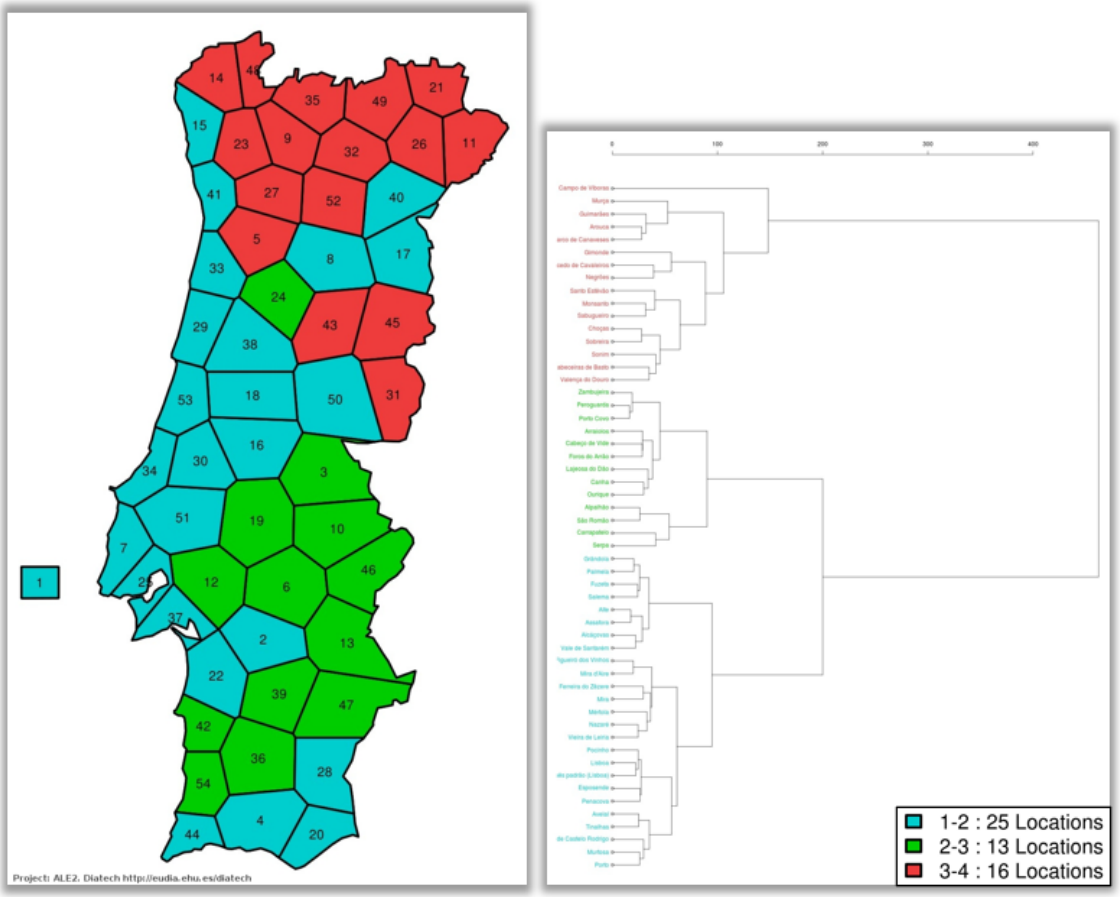
O ponto localizado no Oceano Atlântico, ao largo de Lisboa, corresponde ao português padrão europeu contemporâneo (PPE).



Mapa 6

Análise dendrográfica do ALE + PPE

Corpus: léxico, totalidade (123 conceitos); índice de similaridade: IRI; algoritmo: Ward; número de agrupamentos: 2.

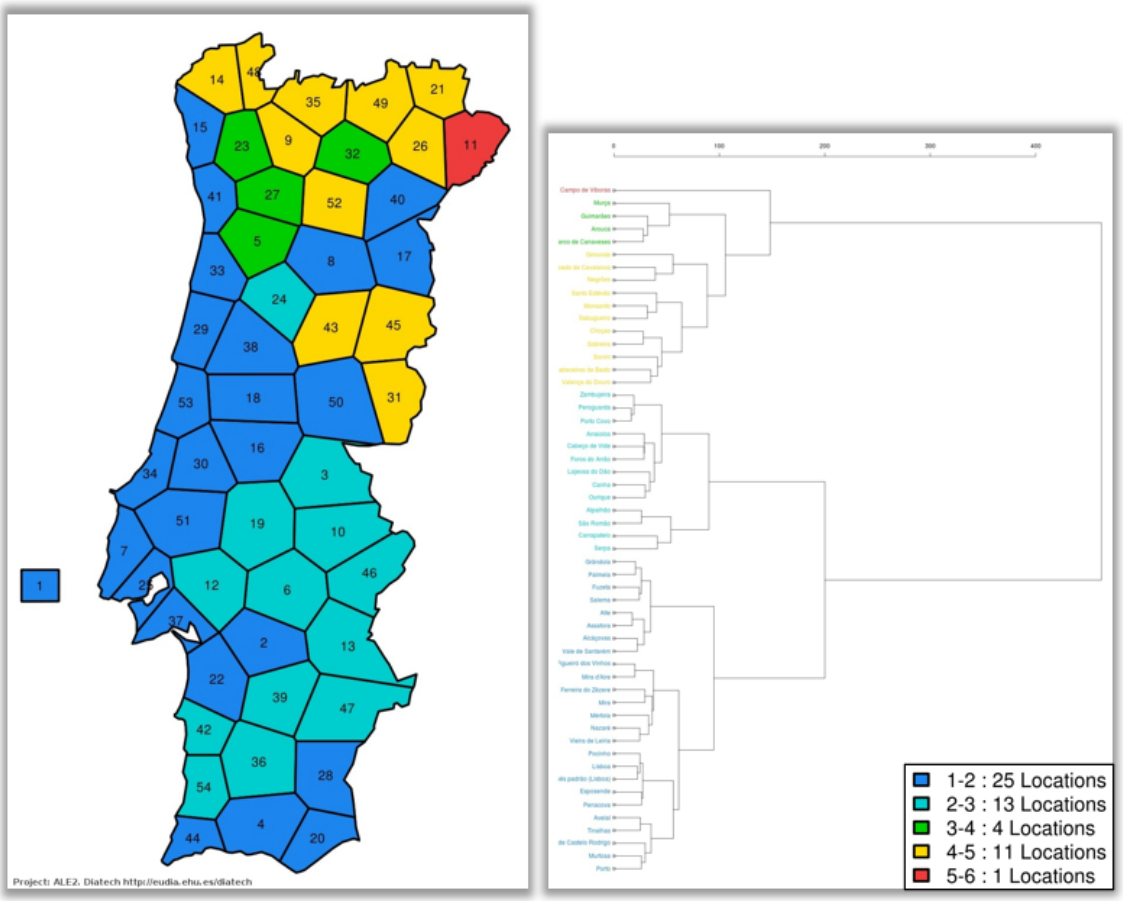


Mapa 7

Análise dendrográfica do ALE + PPE

Corpus: léxico, totalidade (123 conceitos); índice de similaridade: IRI; algoritmo: Ward; número de agrupamentos: 3.

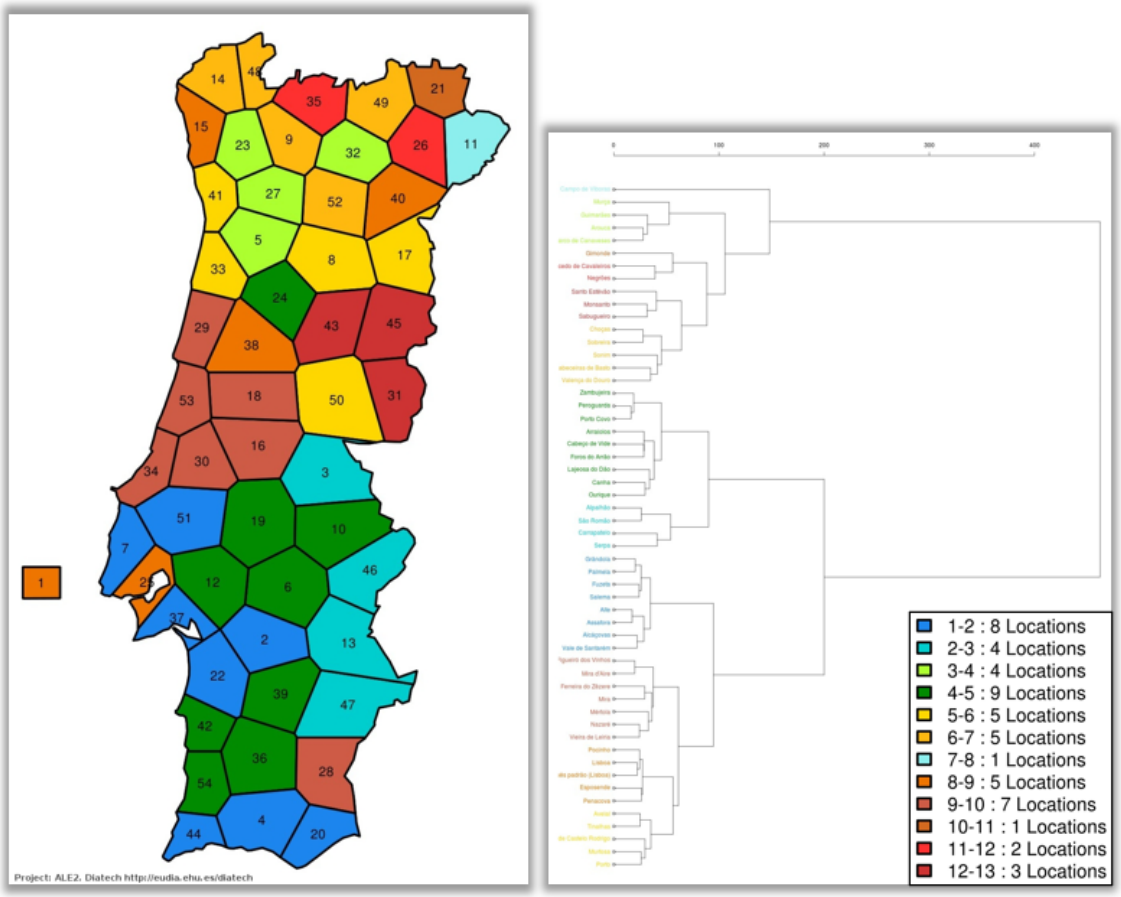
Mapa 8
Vista noturna da Península Ibérica a partir do espaço
Fonte: jornal *Público*, 16/07/2019.
Evidência da megacidade em que a população contemporânea de Portugal continental se agrega crescentemente.



Mapa 9

Análise dendrográfica do ALE + PPE

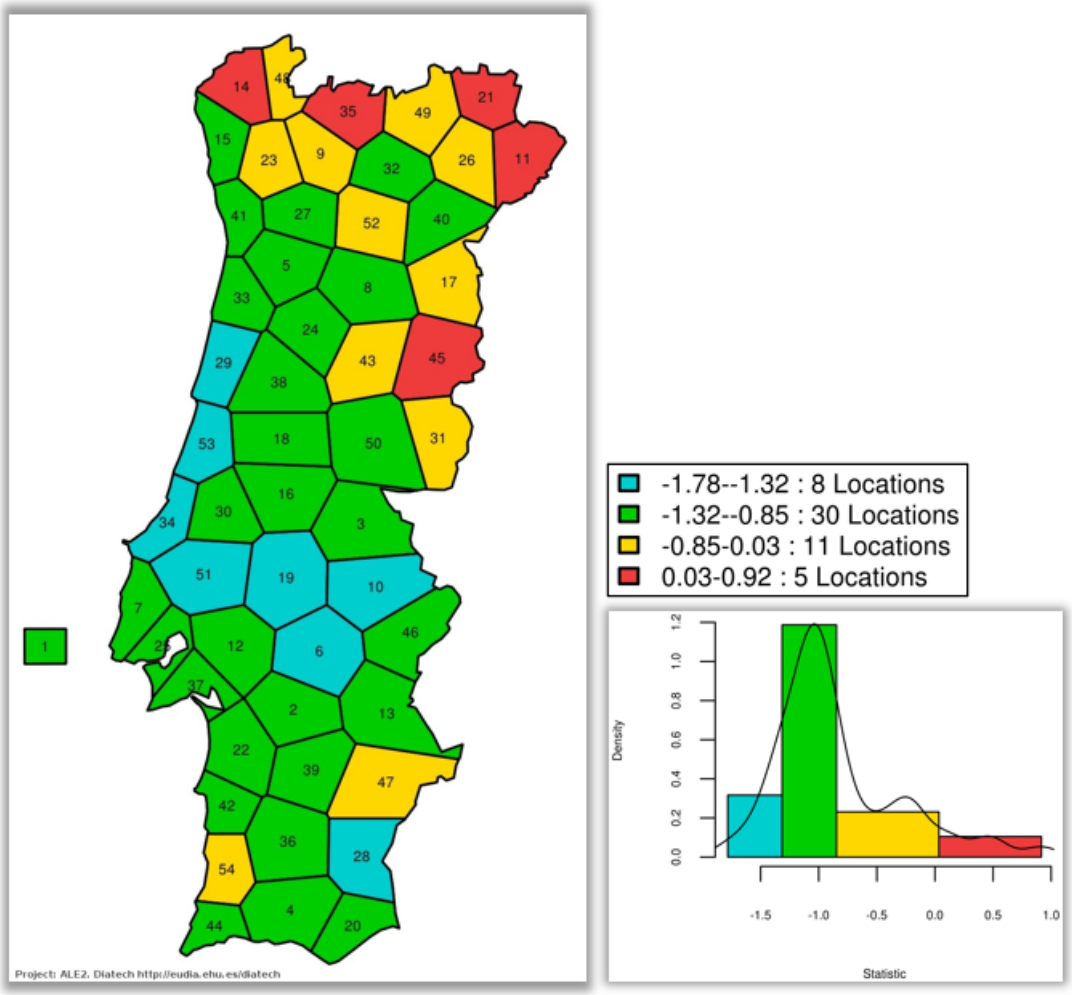
Corpus: léxico, totalidade (123 conceitos); índice de similaridade: IRI; algoritmo: Ward; número de agrupamentos: 5.



Mapa 10

Análise dendrográfica do ALE + PPE

Corpus: léxico, totalidade (123 conceitos); índice de similaridade: IRI; algoritmo: Ward; número de agrupamentos: 12.



Mapa 11

Distribuição de assimetria (coeficiente de assimetria de Fischer) do ALE + PPE

Corpus: léxico, totalidade (123 conceitos); índice de similaridade: IRI; algoritmo de visualização: MINMWMAX 4-tuplo.

Apêndice II — Lista dos conceitos lexicais que compõem a base de dados analisada

Tabela 1 Conceitos da base de dados dialetométrica sistematizados por campo semântico do questionário do *Atlas Linguarum Europae*[11]	
Campo semântico	Conceitos (n = 123)
A. L'Univers (n = 28)	
A.1.1. Le ciel et les corps célestes	(le soleil) se lève '(o sol) nasce / está a nascer'
A.1.2. Le temps, le vent et les états atmosphériques	le nuage 'nuvem'; l'éclaire 'relâmpago'; l'arc-en-ciel 'arco-íris'; la neige 'neve'
A.2.1. Les eaux, mers et rivières	—
A.2.2. Les terrains et les minéraux	—
A.3.1. La vie végétale en général	—
A.3.2.1. Les arbres, généralités	le tronc 'tronco'
A.3.2.2. Les arbres forestiers	le pin 'pinheiro'
A.3.2.3. Les arbres fruitiers, arbrisseaux à baies comestibles et fruits	la prune 'ameixa'; la ronce 'silva'
A.3.3. Les plantes alimentaires, les céréales	—
A.3.4. Les plantes potagères	—
A.3.5. Les plantes et arbrisseaux des prés et des bois	—
A.4.1.1. Les quadrupèdes : les animaux domestiques	le chien 'cão (genérico)'; le chien mâle 'cão (macho)'; le petit chien 'cachorro'; le petit chat 'gatinho'
A.4.1.2. Les animaux des champs et des forêts	le renard 'raposa'; la taupe 'toupeira'; le rat 'ratazana'
A.4.2. Les oiseaux	la plume 'pena'; le moineau 'pardal'; le canard 'pato (genérico)'; le canard 'pato (macho)'; la femelle du canard 'pata'
A.4.3. Les poissons	—
A.4.4. Les insectes	la sauterelle 'gafanhoto'; la coccinelle 'joaninha'; le papillon 'borboleta'; la punaise 'percevejo'
A.4.5. Autres espèces d'animaux	le lézard 'lagarto'; la grenouille 'rã'; le crapaud 'sapo'
B. L'Homme (n = 95)	
B.1.1. L'homme, être physique, généralités	la femme 'mulher'
B.1.2. Le corps et les membres	grand de taille 'alto/grande'; maigre 'magro'; chauve '(o) careca'; le visage 'cara'; la lèvre 'lábios'; la molaire 'molar'; le gaucher 'canhoto'; le poignet 'pulso'; nu 'nu'
B.1.3. Les organes	les poumons 'pulmões'
B.1.4. Les sens et leur activité	les sourcils 'sobrancelhas'; regarder 'olhar'; sourd 'surdo'; le nez 'nariz'

[11] A grelha semântica do questionário é dada na sua forma original e na língua respetiva (francês). Os conceitos são dados nessa forma e, entre aspas menores, na forma traduzida para português europeu padrão. Fonte: materiais do Comité Português do ALE, sediado no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (Carrilho 2019).

B.1.5. Les mouvements et les actions	—
B.1.6. La santé et les maladies	le médecin ‘médico’
B.1.7. La vie humaine en général	enterrer ‘enterrar’; le cercueil ‘caixão’
B.1.8.1. Les besoins de l’homme : alimentation, boisson, tabac	le petir déjeuner ‘pequeno-almoço’; le déjeuner ‘almoço’; le goûter ‘merenda/lanche’; le dîner ‘jantar’; (de l’eau) froide ‘(água) fria’; l’ivrogne ‘(o) bêbado’
B.1.8.2. Les vêtements et la toilette	les vêtements ‘roupa/vestuário’; la poche ‘bolso’; la serviette ‘toalha’; se raser ‘fazer a barba’
B.2.1. La pensée et la mémoire	se souvenir de, retenir ‘lembrar-se’
B.2.2. Les sentiments	aimer ‘amar’
B.2.3. La morale	—
B.3.1. L’homme au travail : généralités	travailler ‘trabalhar’; paresseux ‘preguiçoso’
B.3.2.1. L’agriculture : le sol et les travaux du sol	—
B.3.2.2. Le labour	—
B.3.2.3. La moisson	la faucille ‘foice’; la gerbe ‘molho’
B.3.2.4. Le battage	le grain de blé ‘grão de trigo’
B.3.2.5. La fenaison	l’herbe ‘erva’
B.3.3.1. L’élevage : la ferme et ses dépendances	le puits ‘poço’
B.3.3.2. La cour et ses animaux	le cochon ‘porco (genérico)’; le verrat châtré ‘porco capado’; la truie ‘porca’
B.3.3.3. La basse-cour et ses oiseaux	la poule ‘galinha’; le blanc de l’oeuf ‘clara do ovo’; le jaune de l’oeuf ‘gema do ovo’
B.3.3.4. Le bétail	le bélier ‘carneiro’; la brebis ‘ovelha’; l’agneau ‘cordeiro’; la chèvre ‘cabra’; le chevreau ‘cabrito’
B.3.3.5. La laiterie	—
B.3.3.6. Le pâturage	le berger ‘pastor’; le troupeau (de moutons) ‘rebanho (de ovelhas)’
B.3.4. Les autres cultures et occupations du paysan	l’épouvantail ‘espantalho’; la ruche ‘colmeia’
B.3.5.1. Les métiers et les professions : les outils en général	le marteau ‘martelo’; la lime ‘lima’
B.3.5.2. La fabrication du pain	—
B.3.5.3. La chasse, la pêche et la préparation de la viande	gras ‘banha’
B.3.5.4. Le travail du bois	la cognée ‘machado’; le tonneau ‘pipa’
B.3.5.5. La forge	—
B.3.5.6. Les textiles et chaussures	—
B.3.6. Le commerce, les finances et la propriété	la foire ‘feira’; l’argent (monnaie) ‘dinheiro’; bon marché ‘barato’; le mendiant ‘mendigo’; pauvre ‘pobre’; riche ‘rico’; le voleur ‘ladrão’
B.3.7.1. L’habitation, généralités	—
B.3.7.2. La construction	le maçon ‘pedreiro’; l’escalier ‘escada’; la marche de l’escalier ‘degrau da escada’
B.3.7.3. Le mobilier	le banc ‘banco’
B.3.7.4. Les ustensiles de cuisine	—
B.3.7.5. Le chauffage et l’éclairage	allumer (le feu) ‘acender o fogo’; allumer (une

	lampe électrique) ‘acender a luz’; l’allumette ‘fósforo’
B.3.7.6. Les travaux généraux du ménage	coudre ‘coser’; découper ‘cortar (com a tesoura)’; la tache ‘nódoa’
B.3.8. La route et le transport	—
B.4.1.1. La vie de société : le mariage	le mariage ‘casamento’; le mari ‘marido’; la femme (mariée) ‘esposa’
B.4.1.2. La famille et la parenté	le fils ‘filho’; la fille ‘filha’; le frère ‘irmão’; la soeur ‘irmã’; la bru, la belle-fille ‘nora’; le cousin ‘primo’; la cousine ‘prima’
B.4.2. La langue et la communication	demander, interroger ‘perguntar’
B.4.3. Les jours de fête	danser ‘dançar’; la poupée ‘boneca’
B.5.1. L’organisation sociale, les communes et l’enseignement	le village ‘aldeia’
B.5.2. La religion et l’irréligion	Noël ‘Natal’; Pâques ‘Páscoa’
C. L’Homme et l’Univers (n = 5)	
C.1. L’a priori : le nombre et la quantité	—
C.2. L’espace et les rapports dans l’espace	—
C.3. Le temps et les rapports dans le temps	avant-hier ‘anteontem’; le printemps ‘primavera’; l’été ‘verão’; l’automne ‘outono’; dernier ‘último’